



## A IMPORTÂNCIA DA MULHER NO CANGAÇO: ANÉSIA CAUAÇU

**Talita Cordeiro Rocha**  
Licenciada em História/UFAL  
[talitarock500@gmail.com](mailto:talitarock500@gmail.com)

### RESUMO

O objetivo deste texto foi analisar a história de Anésia Cauaçu, uma das mulheres pioneiras no Cangaço baiano. A historiografia tradicional no cangaço privilegiou nos seus estudos os homens, apesar das mulheres estarem presente em seu meio. Estas começaram a entrar no cangaço em meados do século XIX e início do século XX. As novas abordagens historiográficas têm refletido sobre a importância da mulher dentro do Cangaço. Sendo assim, esse estudo se insere neste debate, que compreende as formas de transgressões das mulheres em uma sociedade machista. Deste modo, Anésia Cauaçu que nasceu na região baiana de Jequié e entrou para o Cangaço no final dos oitocentos, representa na história, uma mulher que desafiou as imposições de lugares e papéis delegados femininos, obtendo um papel relevante no Cangaço. Este estudo toma como base para a pesquisa um levantamento bibliográfico, Sobre os estudos do cangaço, gênero, e entender o cotidiano de mulheres “comuns”, mas que foram revolucionárias em suas escolhas e, em particular os estudos memorialísticos sobre a presença de Anésia Cauaçu no cangaço.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memórias, Mulher, Cangaço.

### Introdução

O movimento do cangaço é um tema muito abrangente, “polêmico e controverso para a historiografia” no sentido de que muitas visões sobre o mesmo se distorce. A partir da existência do movimento do cangaço surgiram muitas versões a respeito de como se deu esse cenário contraditório, ora pode ser visto como ato de heroísmo, ora de banditismo. Têm questões que vários historiadores e escritores tentam decifrar ou encontrar, mas não consegue por falta de documentação.



Bastos (2009), enfatiza acerca das características do movimento do cangaço no sertão nordestino.

[...] pode-se entender o cangaço como um fenômeno social, caracterizado por atitudes violentas por parte dos cangaceiros. Estes andavam em bandos armados e espalhavam o medo pelo sertão nordestino. Promoviam saques a fazendas, atacavam comboios e chegavam a sequestrar fazendeiros para obtenção de resgates. Aqueles que respeitavam e acatavam as ordens dos cangaceiros não sofriam. Pelo contrário, eram muitas vezes ajudados. Esta atitude tornou os cangaceiros respeitados e admirados por boa parte da população da época<sup>1</sup>.

O cangaço no Brasil pode ser visto como revolucionário, pois foi um movimento de luta contra formas de opressão no sertão nordestino. Dutra (2009) discorre sobre o movimento do cangaço como espaço de luta.

A maior parte das vezes a ficção parte da vida real, de sujeitos que viveram em uma temporalidade específica, bandidos que no seu tempo foram amados e odiados ao extremo. Muitos se tornaram posteriormente mitos, servindo de exemplo de luta para aqueles que querem ver uma sociedade melhor e contestam a força despótica do Estado, esses se apropriam da história desses bandidos elevando-os a uma nova categoria, ressignificando-os e usando-os como bandeira de luta<sup>2</sup>.

O cangaço no Nordeste brasileiro surgiu no fim do século XVIII, mas se destacou no fim do século XIX e meados do XX. Reforçando a ideia, Valéria Santos (2014) afirma que “dentre os principais bandos formados com a finalidade de enfrentar e desafiar o Estado, destaca-se o Cangaço, que surgindo no final do século XIX e meados do século XX, durante o fim da República Velha (1929), e início do Estado Novo (1930)”<sup>3</sup>. A autora ainda fala sobre os condutores dos grupos de cangaceiros, “tendo como precursor José Gomes, também chamado de o Cabeleira, Jesuíno Brillhante, passando por Antônio Silvino, até o divulgador da causa do Cangaço, e o mais famoso de todos os cangaceiros, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião” (p.03).

Dutra (2011) enfatiza o movimento do cangaço no sertão brasileiro e seus principais representantes.



O cangaço configura-se, na história do Nordeste brasileiro, como movimento relevante deixando marcas na memória, na cultura e na imagética popular. Esse movimento não foi algo repentino, mas abrangeu um longo período, tendo enraizamentos no século XVIII, passando pelo século XIX e florescendo com maior notoriedade na primeira metade do século XX. Inúmeros sujeitos surgiram como líderes importantes de bandos. Um, em especial, marca o imaginário social e história: o cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião. Durante vinte anos, ele “varreu” o sertão de sete estados nordestinos, tornando-se um poder paralelo ao oficial.

Sabe-se que é recorrente nos debates historiográficos a ideia do cangaço como espaço masculino, assim, a história destacando e privilegiando principalmente a participação do homem. João de Souza Lima<sup>4</sup> aborda que o cangaço era uma forma de vida brutal, um mundo exclusivamente machista. Assim, “no princípio, e por muito tempo de sua existência, o cangaço, pela brutalidade que o envolvia, era um mundo único e exclusivo dos homens, sobretudo homens destemidos. A mulher era figura descartada nesse meio<sup>5</sup>”.

As novas abordagens historiográficas têm refletido a respeito da importância das mulheres dentro do Cangaço. Estas conseguiram quebrar os obstáculos e ingressar no cangaço. De acordo com o historiador João de Souza Lima acerca da entrada da mulher e sua importância no cangaço, ele nos diz que “com a chegada e a permanência feminina, os cangaceiros adquiriram mais respeito com as mulheres, diminuindo consideravelmente os terríveis estupros<sup>6</sup>”.

O ingresso das mulheres no cangaço mudou também a maneira como era organizado o movimento, bem como modificou o seu modo de viver enquanto mulher. Para reforçar essa ideia, Flávia Santana dos Santos (2005) atenta:

A entrada das mulheres no cangaço veio transgredir essa estrutura, marcando um novo momento vivenciado por homens e mulheres e pelo próprio grupo de Lampião. É também o marco para uma nova organização do cangaço. Elas rompem com os papéis estabelecidos para elas e ingressam em um mundo cercado, limitado e dominado pelo universo masculino<sup>7</sup>.

Um exemplo de mulher que mudou seu modo de vida no sentido de deixar o espaço considerado feminino (o lar) para ingressar em um ambiente tido como masculino, modificando



de certa forma o lugar da mulher em uma sociedade baseada na dominação machista, foi Maria Gomes de Oliveira, vulgo Maria Bonita.

Na historiografia nacional sobre o cangaço, Maria Bonita teria sido a primeira mulher a entrar em um grupo de cangaceiros.

No imaginário nordestino, Maria Bonita é figura antológica, símbolo de valentia, força e coragem da mulher sertaneja. É a primeira mulher a fazer parte do cangaço, movimento social que surgiu no sertão do Nordeste brasileiro, entre o fim do século XIX e início do século XX, em meio à tentativa de industrialização e modernização do Brasil (República Velha), devido à aversão e à insatisfação aos governantes da época. A cangaceira Maria Bonita é chamada por Lampião, seu companheiro, de “princesa”, por ter despertado no “rei do cangaço” uma admiração em torno de sua beleza física, e mais tarde uma admiração quanto à sua postura, bravura e coragem. Ela se tornava, então, percussora da bravura e excelência feminina no universo do cangaço, até então meio unicamente masculino<sup>8</sup>.

Através de levantamento bibliográfico, percebemos que a história de Anésia Cauaçu não aparece na historiografia nacional mesmo ela tendo sido a primeira mulher a ingressar no cangaço, por quê?

Tomando por base principalmente Domingos Ailton Ribeiro de Carvalho, este em sua obra intitulada “Anésia Cauaçu”, enfatiza que ela foi a pioneira no cangaço baiano, e provavelmente, ela não tenha sido reconhecida pela historiografia nacional como a primeira mulher a entrar no cangaço, pelo fato de não ter sido mulher de um cangaceiro, mas por ter sido líder de um bando de cangaceiros. Assim sendo, marginalizada pela historiografia brasileira.

Sobre a questão de Anésia Cauaçu ser a primeira mulher a entrar no cangaço Ailton Domingos (2011) ressalta:

“Anésia foi a primeira mulher no sertão baiano de Jequié a ingressar no cangaço, a liderar um bando de cangaceiros, a praticar montaria de frente, já que as mulheres de sua época montavam de lado em uma sela denominada silhão, e a vestir calças compridas(as mulheres do período em ela viveu apenas usavam vestidos e saias) nos momentos de combate para facilitar o enfrentamento de jagunços dos coronéis e das tropas policiais, além de ter sido a primeira mulher branca a lutar capoeira, antecedendo mulheres como Maria Bonita, Dadá e Lídia no cangaço”(CARVALHO, 2011, p.13).



O estudo sobre a importância da mulher no cangaço, a exemplo de Anésia Cauaçu abrange muitas possibilidades e vertentes de estudo, possibilitando a reflexão acerca do cangaço e do modo como as mulheres eram vistas pela sociedade quando adentraram nos bandos de cangaceiros, principalmente em um contexto de extremo machismo e formas de vida baseadas no modelo patriarcal.

Anésia Cauaçu “foi uma mulher a frente do seu tempo”, pois diferentemente de outras mulheres da sua época, não se destacou pelo fato de ter um homem a sua frente, entrou no movimento do cangaço com outra postura, ingressou não como esposa de um chefe de cangaço, mas como líder, mulher valente e destemida, destacando-se.

A respeito das atitudes de Anésia Cauaçu que fez dela uma figura destaque em relação a outras mulheres do cangaço da época, Domingos Ailton (2013) discorre.

O cangaço só poderia ter o sertão como palco, onde o sertanejo tem a aspereza da gleba em que vive. Os Cauaçus abraçaram o cangaço bem antes de Lampião, para vingar a morte de um familiar; Lampião, igualmente por vingança, depois de assistir seus pais abatidos por policiais. Lampião e os Cauaçus tiveram suas divas, tiveram suas musas. Maria Bonita acompanhando seu amado, repartindo com Lampião o desconforto da vida errante, do enfrentamento com a volante policial e os mil e um perigos dos saques e da luta armada. Já Anésia Cauaçu, que trazia na alma sofrida a encarnação da mulher nordestina, fumando cachimbo de barro, bebendo suas caipirinhas, conhecendo os golpes da capoeira e o manuseio das armas de fogo, sempre se impôs e se fez respeitar por sua personalidade forte de liderança. Se Maria Bonita sobrevivesse a Lampião seria lembrada tão somente pela sua fidelidade ao rei do cangaço. E só. O que não ocorreu com Anésia Cauaçu, que, ao combater Marcionílio de Souza, invadiu Jequié comandando vários jagunços, no dia 23 de junho de 1917, tendo o fato sido amplamente noticiado pelo jornal “A Tarde”, informando que, durante três dias, o comércio cerrou as portas e famílias buscaram segurança em outras localidades [...] (ARAÚJO, Émerson Pinto de. apud AILTON, Domingos (2011), p. 09/10).

Há controvérsias a respeito dos motivos das desavenças da família e de Anésia Cauaçu ao ingressar no cangaço, pois, podem ter sido por questões ligadas a discórdias entre as famílias que disputavam o poder da região de Jequié, no sertão baiano. Segundo Ailton (2013) é apresentado a versão contada pela própria Anésia.



Como é de praxe na história do banditismo, os Cauaçu foram durante muitos anos modestos comerciantes, com pequenas fazendas de gado, espalhados pelos municípios de Jequié, Ituaçu, Amargosa, Brumado e Boa Nova. Bastante unidos, viveram pacatamente até que o dia em que um dos seus familiares, conhecido como Augusto, negou-se acompanhar Zezinho dos Laços, para quem trabalhava, quando este se dispunha a reencetar a luta conta os “mocós”. Para sua perdição, o atrevimento da recusa foi acompanhado da alegação de que os Gondins e os Cauaçu sempre mantiveram um bom relacionamento, não havendo motivos para participar da briga de terceiros. Poucos dias depois, no terreiro de sua casa, Augusto era assassinado por um cabra de Zezinho, conhecido como Tavares, enquanto Miguel Preto, outro jagunço, procurava dar cabo de Félix Cauaçu (ARAÚJO, 1997, p.263, apud Domingos Ailton, 2013, p.2).

Existe ainda outra interpretação, destarte, Ailton (2013) apresenta:

Charles Meira, bisneto de Zezinho dos Laços, em artigo intitulado “Rabudos X Cauaçu”, publicado na Revista Cotoxó, edição de agosto de 2013, afirma com base em depoimentos dos netos de José Marques da Silva (Zezinho dos Laços), Osmar Marques da Silva e Laura Angélica da Silva que os “rabudos” viviam em harmonia com os Cauaçu”, mesmo sendo adversários políticos e a paz entre as duas famílias foi quebrada quando a mula montada por um jagunço de Zezinho dos Laços atropelou “acidentalmente” uma porca pertencente a um dos membros da família Cauaçu. O animal, que estava na época de dar cria, morreu junto com seus filhotes. O fato provocou desentendimento entre o dono da porca, que queria receber indenização pela perda do suíno, e o jagunço, que não aceitou os argumentos apresentados. No dia seguinte, quando o jagunço de Zezinho dos Laços foi pegar a mula no manguieiro, encontrou-a morta. Sinais de perfuração de bala foram verificados na região da cabeça. O jagunço não fez nenhum comentário, apenas retirou as quatro ferraduras da mula e colocou na capanga. Três dias após o ocorrido, o proprietário da porca foi encontrado morto com as quatro ferraduras no pescoço (CARVALHO, 2013, p.4).

Diante disso, podemos interpretar ambas as versões como questões relacionadas à vingança e honra. Logo, Anésia Cauaçu teria adentrado no cangaço por esses motivos, não sendo apenas uma integrante no movimento do cangaço, mas, tornando-se uma líder do movimento.

### **Considerações finais**

Em suma, ao fazermos a análise acerca da história de Anésia, podemos perceber a importância de estudar o sertão, cenário de resistência e luta não só de homens, mas também de



mulheres como a destemida e “mulher a frente do seu tempo”, Anésia Cauaçu que desafiou as imposições nos lugares femininos, obtendo um papel relevante no Cangaço.

Este é um tema que carece ainda de aprofundamento, de muita pesquisa, para decifrar a história de vida dessa mulher do interior do sertão baiano, a qual na historiografia nacional não foi tão enfatizada quanto à rainha do cangaço “Maria Bonita”. É relevante estudar também, o porquê do tema cangaço ser na maioria das vezes ligado ao mundo masculino, marginalizando a figura da mulher.

## NOTAS

<sup>1</sup> BASTOS, Ricardo Ferraz. **A imagem da organização do bando de Lampião e sua liderança**. Dissertação de Mestrado. Pedro Leopoldo – MG, 2009.

<sup>2</sup> DUTRA, Wesley Rodrigues. **Teorizando o cangaço: o “rei lampião” e a questão do banditismo social**. *Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?* Ouro Preto: Edufop, 2009. ISBN: 978-85-288-0061-6, p. 01/02.

<sup>3</sup> SANTOS, Valéria C. M. dos. **A produção de representações do cangaço no cinema brasileiro**. VII Simpósio Nacional de História Cultural HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES Universidade de São Paulo – USP São Paulo – SP, 2014, p.02.

<sup>4</sup> Escritor, pesquisador e colecionador de peças do cangaço.

<sup>5</sup> <http://tnh1.ne10.uol.com.br/noticia/artigos/2009/03/08/47667/mulheres-no-cangaco>: Acesso em: 27/09/2015.

<sup>6</sup> LIMA, João de Souza. <http://tnh1.ne10.uol.com.br/noticia/artigos/2009/03/08/47667/mulheres-no-cangaco>. Acesso em: 27/09/2015.

<sup>7</sup> SANTOS, Flávia Santana dos. **Cangaceiras: rebeldia, romantismo e liberdade**. Monografia. Brasília, 2005, p. 07.

<sup>8</sup> ARAÚJO, Wilma Antunes de; RODRIGUES, Linduarte Pereira. **A figura de Maria Bonita no imaginário do cordel**. XI Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades. p.01.

## Referências

AILTON, Domingos. **Anésia Cauaçu**. – Itabuna, BA: Via Litterarum, 2011. 320 p.

ARAÚJO, Wilma Antunes de; RODRIGUES, Linduarte Pereira. **A figura de Maria Bonita no imaginário do cordel**. XI Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades.



BASTOS, Ricardo Ferraz. **A imagem da organização do bando de Lampião e sua liderança.** Dissertação de Mestrado. Pedro Leopoldo – MG, 2009.

CARVALHO, Domingos Ailton Ribeiro de. **Tempos, espaços e representações: abordagens geográficas e históricas.** 2013, UESB.

DUTRA, Wesley Rodrigues. **Teorizando o cangaço: o “rei lampião” e a questão do banditismo social.** *Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?* Ouro Preto: Edufop, 2009. ISBN: 978-85-288-0061-6.

LIMA, João de Souza. Disponível em: <http://tnh1.ne10.uol.com.br/noticia/artigos/2009/03/08/47667/mulheres-no-cangaco>. Acesso em: 27/09/2015.

LIMA, José de Souza. **A trajetória guerreira de Maria Bonita – a Rainha do Cangaço.** Paulo Afonso Fonte Viva, 2011.

SANTOS, Flávia Santana dos. **Cangaceiras: rebeldia, romantismo e liberdade.** Monografia. Brasília, 2005.

SANTOS, Valéria C. M. dos. **A produção de representações do cangaço no cinema brasileiro.** VII Simpósio Nacional de História Cultural HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES Universidade de São Paulo – USP São Paulo – SP, 2014. <http://tnh1.ne10.uol.com.br/noticia/artigos/2009/03/08/47667/mulheres-no-cangaco>: Acesso em: 27/09/2015.